

A greve dos professores de Virgínia Ocidental recupera uma histórica tradição de luta

Esta semana, após uma greve histórica, professores e funcionários não docentes nas escolas públicas de West Virginia celebraram uma vitória que inspirou educadores em outros estados a tomar medidas para melhorar seus salários e condições de trabalho. A greve ilegal de nove dias – a mais longa da história recente de West Virginia – destacou outro debate nacional sobre professores: o plano do presidente Donald Trump de armar professores com armas de fogo escondidas após o massacre na escola do Dia dos Namorados em Parkland, Flórida. Como o Superintendente de Escolas Públicas do Condado de Broward, Robert Runcie, apontou em um evento público organizado pela CNN após aquele tiroteio em massa: “Não precisamos colocar armas nas mãos dos professores... Temos que colocar mais dinheiro em seus bolsos”. É exatamente por isso que os professores de West Virginia entraram em greve e que outros professores, da Inglaterra ao Oklahoma, estão fazendo a mesma coisa: organizando-se, negociando coletivamente e, se necessário, lutando por um salário digno, benefícios e um sistema educacional devidamente financiado que também sirva a seus alunos.

West Virginia é o exemplo vivo do país de Trump: lá ele ganhou com 68% dos votos, vencendo Hillary Clinton por mais de 40 pontos percentuais. Ainda assim, o estado montanhês tem uma longa história de ativismo sindical militante, que remonta às guerras do carvão do início do século XX. Jay O’Neal, um professor do ensino médio em Charleston, West Virginia, disse à Democracy Now! em uma entrevista: “Quase todos na West Virginia conhecem alguém que esteve em greve: pais, avós,

amigos, tios, quem quer que seja. As pessoas sabem o que significa estar em greve”.

A greve não autorizada, ilegal pela lei de West Virginia, envolveu mais de 20.000 professores e 13.000 funcionários de escolas. Os grevistas estavam preocupados com o fato de muitas crianças em idade escolar da Virgínia Ocidental, uma em cada quatro das quais vivem na pobreza, dependerem das refeições escolares para se alimentar. O’Neal explicou: “Na minha escola, enviamos cerca de 70 mochilas cheias de comida para as casas das crianças. Também incluímos folhetos com informações sobre as igrejas e centros comunitários que iam se organizar para lhes fornecer alimentos, porque esse é o nosso estado, sabe? Estamos num estado de grande pobreza. A maioria de nossas crianças depende do café da manhã e do almoço servido na escola. A escritora Barbara Ehrenreich, conhecida por seu livro sempre presente sobre a pobreza nos Estados Unidos, “For a Hard Four. Nickel and Dime: On [Not] Getting By in America”, escreveu sobre mochilas com comida. Suas palavras foram: “Este é o nosso estado distópico de bem-estar: professores mal pagos tentando manter vivas as crianças pobres”.

Depois de nove dias de greve, os professores ganharam. A Câmara dos Deputados e o Senado – ambos controlados pelo Partido Republicano – e o governador, também um republicano, concordaram em aumentar 5% e congelar os custos do seguro saúde, enquanto um grupo de trabalho que inclui professores e sindicalistas está trabalhando em um plano de financiamento para esse seguro. O aumento de 5% aplica-se não só aos professores, mas a todos os funcionários públicos da Virgínia Ocidental. O governador James Justice também aceitou outra demanda dos grevistas: prometeu não cortar o orçamento estadual do programa de saúde Medicaid para pagar o aumento concedido.

De Pittsburgh, o jornalista trabalhista Mike Elk falou em uma entrevista para Democracy Now! sobre o impacto da greve em

outro lugar: “A Federação de Professores de Pittsburgh votou para entrar em greve na última segunda-feira... Na quarta-feira, o distrito escolar já havia desistido e dado a eles tudo o que queriam. Estudantes de pós-graduação da Universidade de Illinois, Urbana-Champaign, estão em sua segunda semana de greve. Do outro lado do Atlântico, dezenas de milhares de professores e outros trabalhadores universitários estão em greve. Priya Gopal, professora universitária de Cambridge, Inglaterra, nos disse: “Ficamos muito animados ao ver que os impressionantes professores de West Virginia publicaram uma imagem de si mesmos com um cartaz de solidariedade com nossa luta... Penso que agora existe uma espécie de consciência coletiva no Reino Unido e nos Estados Unidos de que essas lutas são contra a deterioração do setor público, contra a deterioração da idéia da educação como um bem público”.

A greve de West Virginia inspirou professores em Oklahoma, onde os professores ganham em grande parte os salários mais baixos nos 50 estados do país. Teresa Danks, uma professora da escola primária de Tulsa, foi notícia no ano passado por mendigar nas ruas para angariar fundos para as escolas. Teresa disse à Democracia Agora: “Além dos baixos salários, do alto custo do nosso seguro de saúde e de todos os outros problemas que ocorrem na sala de aula, nós, professores, estamos pagando tudo do nosso bolso”. Um grupo do Facebook pedindo uma greve de professores estaduais em Oklahoma rapidamente reuniu 45 mil membros. A greve está marcada para 2 de Abril. Lutas semelhantes também estão a sendo travadas no Kentucky.

Nos próximos meses haverá também várias greves de estudantes em resposta ao massacre na Marjory Stoneman Douglas High School em Parkland. Professores de todo o país estão agora armados, não como o Presidente Trump gostaria, com armas de fogo escondidas, mas com o poder de negociação coletiva e a vontade de lutar por seus direitos.

Original: [Democracy Now](#)